



## Oficinas de agroecologia e sociologia ambiental: uma experiência de extensão no Assentamento do Contestado, Lapa (PR)

Rodolfo Bezerra de Menezes Lobato da Costa<sup>1\*</sup>; Bruna Bronoski<sup>2</sup>;  
Carolina Baja Wzorek<sup>2</sup>; Carolina Effing<sup>2</sup>;  
Gabriel Sakuma Nakama de Siqueira<sup>2</sup>; Giovanna Maria Travinski de Almeida<sup>2</sup>;  
Guilherme Francisco Klahold<sup>2</sup>; Isadora Emanuelli Bortolini<sup>2</sup>;  
Kamilla Schreiber<sup>2</sup>; Laynara Santos Almeida<sup>2</sup>.

**Resumo:** Este trabalho pretende retratar um projeto de extensão, denominado “Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental”, realizado em 2023. O projeto foi construído na articulação entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), reunindo um conjunto de práticas de ensino, através do debate sobre justiça ambiental e mudanças climáticas, para promover o desenvolvimento de uma percepção crítica sobre a relação entre o mundo rural e urbano. Entre os objetivos do projeto destacamos: construir uma percepção crítica sobre a relação entre o mundo rural e urbano; contribuir com a formação de pesquisadores; vivenciar experiências de resistência e transformação da realidade no campo focada no coletivo “Marmitas da Terra”. Nesse sentido, através de mutirões da reforma agrária, pretendíamos que o corpo discente pudesse participar de espaços a partir dos quais possam emergir simultaneamente problemas acadêmicos e novos conhecimentos sensoriais.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Extensão Universitária; MST; Sociologia Ambiental; Marmitas Da Terra.

### Agroecology and environmental sociology workshops: An extension experience in the Contestado Settlement, Lapa (PR)

**Abstract:** This work aims to portray an extension project, called “Agroecology and Environmental Sociology Workshops”, carried out in 2023. The project was built in conjunction between the Federal University of Paraná (UFPR) and the Landless Rural Workers Movement (MST), bringing together a set of teaching practices, through the debate on environmental justice and climate change, to promote the development of a critical perception about the relationship between the rural and urban world. Among the objectives of the project, we highlight: the construction of a critical perception about the relationship between the rural and urban world, the training of researchers, the experience in a field of experiences of resistance and transformation of reality, focused on the collective “Marmitas da Terra”. In this sense, through agrarian reform efforts, we intended that the student body could participate in spaces from which academic problems and new sensory knowledge could emerge simultaneously.

**Keywords:** Agroecology; University Extension; MST, Environmental Sociology; Marmitas Da Terra.

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. \*Autor Correspondente: [rodolfolobato@ufpr.br](mailto:rodolfolobato@ufpr.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba - PR, Brasil.

## Introdução

Entre abril e dezembro de 2023 iniciamos as atividades do projeto de extensão “Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental”, sob a coordenação do Observatório de Conflitos Socioambientais (OCSA), núcleo de ensino e pesquisa da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tratava-se de uma parceria construída com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desdobramento de uma experiência e prática de mutirões em assentamentos da reforma agrária no Paraná durante a pandemia da Covid-19.

A ideia dessa ação teve origem na experiência do coletivo “Marmitas da Terra”, vinculado ao MST e orientada para setores subalternizados da região metropolitana de Curitiba. As ações de extensão ocorreram tanto dentro do espaço acadêmico, no campus Reitoria (UFPR), e no Assentamento do Contestado, que é organizado pelo MST, localizado no município da Lapa (PR).

Vislumbramos a extensão como um instrumento pedagógico na formação de pesquisadores, em que destacamos a integração entre projetos de pesquisa de programas de pós-graduação com a iniciação científica. Os espaços de troca de saberes num ambiente não hierárquico de ensino/aprendizagem, localizado em um assentamento rural, tornar-se-ia instrumento pedagógico enquanto um campo de experiências de resistência e transformação da realidade. As atividades permitiram aos estudantes de graduação da UFPR adquirirem uma carga horária obrigatória de formação, além do vínculo às disciplinas de metodologia, ruralidade e meio ambiente, oferecidas pelo Departamento de Sociologia.

O projeto aliou a discussão teórica em sala de aula, onde fazíamos a exposição e os debates de temas relacionados com as mudanças climáticas, as sociologias rural e ambiental e, também, o trabalho prático de técnicas de plantio e manejo da terra de forma agroecológica nas hortas do MST. Nessa última perspectiva, através de mutirões da reforma agrária, pretendíamos que o corpo discente pudesse construir problemas acadêmicos a partir de novas experiências.

Este artigo se divide em três partes. Na primeira delas discutiremos as metodologias de extensão universitária na área rural que fundamentaram as Oficinas. Dialogaremos com as ideias de autores das ciências humanas a fim de debater o papel da universidade em diálogo com os movimentos sociais organizados. Em seguida traremos ao leitor breves informações sobre o movimento social que é nosso principal parceiro no projeto, o MST, e como nosso trabalho universitário se desenvolveu. Por fim, retrataremos as experiências que tivemos, com o foco nas percepções que os alunos voluntários relataram após o trabalho de campo.

## Passos da extensão (Metodologia)

A metodologia do projeto de extensão “Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental” foi inspirada na forma como Paulo Freire (1983) criticou a extensão convencional, prática que transforma o sujeito num mero “depósito” de conhecimento acadêmico. Os dotados de saber científico e detentores do progresso deveriam levar a “luz do conhecimento” para a “escuridão da ignorância”.

Mas, se a extensão não é uma forma de iluminar a ignorância da comunidade externa, ensinando-a como viver da forma mais adequada, de qual ciência estamos falando? Essa pergunta, da cientista social australiana Raewyn Connell (2012), faz uma crítica ao modo de fazer ciência como uma perpetuação de um colonialismo, em que as periferias do mundo deveriam se adequar aos métodos e às teorias da metrópole, conforme critérios etnocêntricos. Na extensão tradicional o conhecimento científico (frequentemente eurocêntrico) se sobrepõe ao conhecimento tradicional ou originário, e busca homogeneizar as culturas usando a ciência como argumento de autoridade. Numa prática da “[...] educação como sentido de domesticação” (FREIRE, 1983, p. 15).

Partindo dessas premissas, nós, pesquisadores do Observatório de Conflitos Socioambientais, optamos por montar um projeto de extensão que se aproximasse mais da ideia de uma troca entre diferentes sujeitos produtores de conhecimento, dentro da proposta feita por Freire (1983) quando ressignificou a extensão como uma forma de comunicação.

De forma complementar, incorporamos em nossas estratégias de ação os princípios da pesquisa-ação, sistematizada por Thiollent (1986), que a define como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (*Op. Cit.*, 1986, p. 14).

Em nosso caso, a comunicação só foi possível a partir de uma relação cooperativa. Dessa maneira, na primeira fase do projeto nós acompanhamos os passos do movimento social, seguindo as orientações e atendendo as prioridades, colaborando diante das demandas de mobilização. E, como universitários, criamos laços de solidariedade com os militantes do MST, parceiros centrais no projeto.

Ao abrir a participação para todos os alunos da UFPR, independente do curso, já criamos um encontro de diferentes pontos de vistas dentro da universidade. O projeto foi organizado pelo grupo de pesquisa da área de Sociologia Rural e Ambiental, mas recebemos voluntários das Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Agronomia, Zootecnia, Geografia, Biologia, Pedagogia, Psicologia e Enfermagem,

num total de 60 estudantes. Ao todo foram realizados 6 (seis) oficinas de sociologia ambiental<sup>1</sup> e 4 (quatro) mutirões de agroecologia<sup>2</sup>.

Nossa primeira tarefa era colaborar com a convocatória dos Mutirões, que socializávamos com o corpo discente os detalhes do trabalho: plantio, colheita e manutenção da horta. E, também, o que os participantes deveriam levar, como deveriam se vestir, tal como registrado na seguinte comunicação via *Whatsapp* e *Instagram* (Figura 1).

Figura 1 - Divulgação Instagram e Whatsapp.



Fonte: Acervo do Observatório de Conflitos Socioambientais, 2023.

O horário e dia da atividade (sábado) já implicavam num desafio para a mobilização, tal como descrito no relato: “Acordei às 5h30 e fui me preparar para o dia. Passei protetor solar e repelente em cada centímetro do corpo, não queria voltar com queimaduras e picadas. Saí de casa e ainda estava escuro. Vi a lua se esconder no caminho [...]” (Ceres 18).

Para as idas a campo, embarcávamos no ônibus alugado pelo próprio MST, erámos estudantes, docentes, militantes de diferentes organizações, membros do Coletivo Marmitas da Terra e voluntários. Chegávamos perto das oito horas da manhã e nos reuníamos em roda para as devidas apresentações, que incluía uma “mística” com música, palavras de ordem e algumas mensagens. Havia sempre novos integrantes das atividades, com as mudas ou ferramentas de trabalho no centro, às vezes formando as siglas do MST (Figura 2).

<sup>1</sup> Realizadas em 2023 nas seguintes datas: 15 de abril; 25 de abril; 20 de maio; 02 de setembro; 07 de outubro; 02 de dezembro.

<sup>2</sup> Realizadas em 2023 nas seguintes datas: 06 de maio; 27 de maio; 16 setembro; e de 11 novembro.

Em seguida, os grupos eram divididos de acordo com as tarefas do dia, como colheita, plantio, adubação, poda, preparação dos lanches ou para a equipe de limpeza da louça do almoço. As atividades que exigiam um maior esforço físico eram realizadas na primeira parte da manhã, eventualmente o trabalho se prolongava para o início da tarde. Para a maior parte dos estudantes aquela era a primeira vez que trabalhavam com agricultura ou agrofloresta<sup>3</sup>, o que exigia um momento de instrução e apresentação dos instrumentos de trabalho. Para tal contávamos com educadores e profissionais vinculados à Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), exemplificadas na Figura 3.

**Figura 2 - Apresentações e recepção.**



Fonte: Acervo do Observatório de Conflitos Socioambientais, 2023.

**Figura 3 - Momentos de Instrução.**



Fonte: Acervo do Observatório de Conflitos Socioambientais, 2023.

<sup>3</sup> "Foi uma experiência incrível e plantei pela primeira vez na minha vida repolho e brócolis." (Ceres 12)

Costa *et al.*

O processo de socialização acontecia em várias dimensões, tanto entre acadêmicos e militantes, quanto entre plantas, insetos, Sol, suor, sons e silêncios. Esses elementos eram vivenciados de forma mais intensa na rotina de cuidado com a terra, com o plantio e colheita. As equipes se subdividiam em duplas ou trios para executar determinada tarefa (Figura 4).

**Figura 4** - Plantio e colheita.



Fonte: Acervo do Observatório de Conflitos Socioambientais, 2023.

Antes de retornar, no final do trabalho de campo, dentro do Assentamento do Contestado, pedíamos para que os estudantes fizessem relatórios sobre a experiência do dia. Esse era o único momento em que os acadêmicos da UFPR se destacavam do grupo que estava organizando o mutirão. Inspirado em Rubem Alves (1991) solicitamos que deixassem o próprio corpo comunicar, queremos dizer, que percebessem através das sensações do corpo formas de contato com a vida e a rotina num assentamento rural (Figura 5).

Refletimos, coletivamente, algumas passagens de Rubem Alves, que resumia o ato de pensar como uma marca de enfermidade: “[...] pensar é estar doente do corpo” (ALVES, 1991, p. 9). No texto base para os relatórios, o exercício não era descrever “acadêmica” ou “objetivamente” a experiência, mas transcrever emoções. Assim, tentar descobrir como as lógicas da fuga da dor, a vontade de repetir o prazer e/ou a fascinação pelo desconhecido fazem do conhecimento algo diferente da coisa a ser conhecida. Citávamos um trecho do de Rubem Alves: “Só conhecemos aquilo que incomoda. Não, não estou dizendo toda a verdade. Não é só da dor. Do prazer também. [...] Quero possuir um conhecimento que me possibilite repetir um prazer já tido” (ALVES, 1991, p. 10).

**Figura 5 - Orientações com o corpo discente.**

Fonte: Acervo do Observatório de Conflitos Socioambientais, 2023.

Portanto, a revelação das emoções passou a ser nossa prática de extensão, não tanto de estender a academia para fora, mas para dentro de si. Em matéria de interação e de comunicação com os participantes, as transformações pretendidas se relacionaram com a construção de espaços de conversa, oficinas e troca de experiências. As indagações e questionamentos tinham como objetivo “desnaturalizar” as representações dos interessados e os seus sentimentos de hostilidade ou de solidariedade à agroecologia ou à reforma agrária. Para tal, os relatórios apareceram como ponto de partida e o principal objeto analisado nesse artigo, ou seja, as emoções e os depoimentos produzidos pelos jovens após o trabalho de campo.

Pensamos esses documentos como indícios de uma realidade a ser compreendida, nos quais buscamos pistas e sinais que poderiam revelar traços de uma realidade da vida das comunidades do campo e sua relação com a Universidade, tal como na seguinte síntese produzida por um discente:

Faço um balanço do dia e penso nas ações que realizei até o momento, às quais, anos atrás, nunca me disporia. Eu carreguei sacos de 40 kg de esterco, ‘fui batizado’. Plantei mudas de repolho e salsinha. Colhi folhas de repolho e de brócolis. Permiti com que a terra passasse por entre meus dedos, sem receio das formigas que lá se encontravam. Apesar disso, ainda sentido medo das aranhas, quando da colheita. Em muito tempo, acredito ter tido uma pitada de experiência vivida, que envolveu o frio, pela manhã, e o calor, pelo começo da tarde. Uma experiência sensorial, em suas cinco dimensões, envolto e permeado por terra e por gente: por vida - num estado de atenção constante, que não posso ligar ou desligar (Ceres 17).

*Costa et al.*

A participação nas Oficinas não exigia a produção dos Relatórios de forma condicional, a ênfase era a experiência de campo e teórica, mesmo assim recebemos 24 relatos por escrito. Por se tratar de relatórios internos do projeto de extensão optamos por preservar a identidade discente, identificaremos como Ceres as pessoas vinculadas à graduação (21 relatórios) e Deméter, pessoas da pós-graduação (3 relatórios).

### **Breve relato sobre o MST e o Coletivo Marmitas da Terra**

A história do assentamento do Contestado começou em fevereiro de 1999, quando 40 famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocuparam um terreno de arrendamento pertencente a Incepa, uma empresa de cerâmica. A empresa havia adquirido diversas dívidas com bancos e com a União. Após alguns meses, a terra ocupada foi destinada a reforma agrária, onde foram assentadas inicialmente 108 famílias e hoje são 160 (FERNANDES; ROCHENBACH, 2022).

O assentamento conta com uma estrutura organizada de moradia, plantio, criação de animais, cooperativa, uma Unidade Básica de Saúde, espaços de educação infantil, fundamental, ensino médio, por meio da Ciranda Infantil e ensino superior técnico, através da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA); além de espaços grandes de socialização, como o centro cultural Casarão, refeitório coletivo e campo de futebol.

A criação dos espaços escolares se deu pela necessidade do acesso à educação pelas crianças das famílias assentadas. Já a ELAA foi fundada em 2005, e oferece os cursos de Tecnólogo em Agroecologia e Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza e Agroecologia e acolhe alunos da América Latina e do Caribe.

A proposta pedagógica da escola mescla teoria científica com saberes de origem popular, além de promover a troca de conhecimento entre povos de diferentes lugares da América Latina. Os alunos ainda estudam num regime de alternância, em que passam parte do curso em sua comunidade e outro na escola, o que permite viver a experiência prática de forma intensiva.

Em maio de 2020, militantes do MST criaram o Coletivo Marmitas da Terra com o intuito de oferecer alimentação de qualidade para quem passava por insegurança alimentar na cidade de Curitiba (PR), situação agravada pela pandemia de Covid-19. Às quartas-feiras voluntários se reuniam para produção e distribuição de marmitas preparadas com alimentos, em sua maioria, provenientes de hortas agroecológicas dos assentamentos do MST (AZEVEDO, 2021).

A produção começou com uma média de 300 marmitas por semana, mas em alguns meses, com a vinda de novos voluntários e a percepção de uma demanda maior por alimentos, aumentou para 1100 refeições distribuídas a cada quarta-feira. O aumento na produção de marmitas despertou no coletivo a

necessidade de uma horta própria. Em parceria com a Escola Latino-Americana de Agroecologia, o coletivo Marmitas da Terra iniciou o preparo e plantio da sua horta, utilizando-se de técnicas agroecológicas e agroflorestais, dentro do Assentamento do Contestado. Os alimentos provenientes dessa horta além de servir para o preparo das refeições distribuídas pelo coletivo, também eram doadas a cozinhas comunitárias da periferia de Curitiba.

Os cuidados com essa nova horta são feitos pelos voluntários das Marmitas da Terra até hoje, março de 2024. Dessa maneira, os trabalhos do coletivo se dividiam em dois: o preparo das marmitas às quartas-feiras e o manejo da horta aos sábados. Nos dias das atividades de cultivo os voluntários saem da capital paranaense às 6h30 da manhã em direção ao Assentamento do Contestado onde trabalham na horta.

Com o fim da política de isolamento da pandemia de Covid-19, os coordenadores do coletivo viram que a distribuição de marmitas se fazia menos necessária e, no fim de 2022, encerram esse tipo de atividade. Entretanto, mantiveram a horta, a mobilização dos voluntários, o apoio às cozinhas comunitárias e passaram a intensificar encontros de formação política dos voluntários. A parceria feita para o Projeto de Extensão Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental no Assentamento do Contestado se deu através do MST e do Coletivo Marmitas da Terra.

### **Relatórios de campo e as percepções sensoriais**

Como resultado do projeto de extensão em foco, recebemos diversos relatos. Para este artigo, categorizamos inicialmente nas seguintes percepções sensoriais para fins analíticos: sobre a relação rural-urbana; sobre o trabalho; de passado e futuro; sobre o movimento social organizado; significados da noção de coletividade; sobre agroecologia e interdisciplinaridade.

O contato com as atividades da agricultura levou os estudantes a estranharem o próprio corpo e o contexto de vida. Em vários momentos, foi possível identificar traços de sinestesia, figura de linguagem que se caracteriza por uma mistura de diferentes percepções sensoriais e de sentidos diante de um mesmo estímulo.

Colocar a mão na terra, nas plantas, nos sujar de barro e seiva, nos conecta ao trabalho que existe por trás de algo que fazemos todos os dias: nos alimentar, que além de uma necessidade de subsistência é um momento de prazer, socialização e expressão cultural (Ceres 6).

Um dos voluntários mencionou como a experiência no campo deixou nítida a percepção sobre as capacidades, os potenciais e os respectivos limites corporais. Há uma perspectiva poética ao se referir aos vestígios de terra após a participação em um mutirão, ou do cansaço que era, aparentemente

Costa *et al.*

contraditória, com a sensação de satisfação.

Em testemunhos orais e escritos coletamos comentários sobre a importância de “colocar a mão na terra”. Essa relação está exemplificada na Figura 6, em que as mãos de um dos voluntários aparecem em contato direto com a terra e com a palha que cobre sua superfície, no trabalho de plantação de mudas:

O contato direto com a terra, as palhas, as mudas de plantas, a atenção para intercalar repolho e beterraba em formato de ‘X’, além da atividade conversar e trocar impressões sobre o lugar e a horta com pessoas que estavam ao redor foi marcante (Ceres 7).

**Figura 6** - Mãos de voluntário em contato com a terra.



Fonte: Acervo do Observatório de Conflitos Socioambientais, 2023.

Os discentes puderam redescobrir o corpo como instrumento de trabalho, referência que se repetiu em muitos relatórios. A dor, o calor e o suor se resignificavam como uma forma de conhecimento dos espaços, tal como descrito a seguir:

Enquanto trabalhávamos, conversamos e rimos sobre assuntos diversos. Foi possível sentir o corpo vivo, com músculos doendo e se esforçando, com o suor daquele momento, foi como revisitar uma consciência corporal há muito tempo não sentida nos movimentos da minha vida cotidiana (Ceres 4).

As formas de usar o corpo, designadas por Marcel Mauss (2003) de “técnicas corporais” são formadas pelo meio social em que vivemos, através da cultura e da tradição. O desenvolvimento de novas técnicas permite a expansão

da consciência não apenas sobre si próprio, mas sobre outras tradições que perpassam as esferas social, psicológica e de relação com o ambiente.

A sensação física do cansaço, por exemplo, tirou os estudantes de seu lugar-comum e trouxe reflexões sobre suas rotinas. O trabalho foi visto, então, como uma possibilidade de estranhar-se para então familiarizar-se em um outro contexto. Essa visão foi relatada por um dos estudantes que disse compreender como a experiência no campo parecia ser comum, ordinária, mas que mudou de opinião depois do mutirão.

Como nas tarefas do plantar, percebi que tais movimentos só parecem cotidianos, mas não o são. Contrapor o sistema de mercado em que tudo se cobra, tudo se vende, em que a terra é um “ativo financeiro”, como ando lendo, e não mais um bem comum e acessível para todo ser vivo, não é banal. É admirável o movimento de pessoas que sustenta através de ações pontuais ou contínuas, individuais ou coletivas, este contraponto. Vendo-me sacolejar no ônibus da volta, senti aquela impressão, por vezes clichê, de que existem formas impostas de viver no mundo, mas também que estão vivas – e trabalhando – as potências de oposição (Relatório interno, Deméter 1).

A ideia de “potências de oposição”, com referência à tensão entre uma rotina de trabalho individual e coletiva, recolocava os estudantes numa dinâmica do movimento social organizado. Mesmo sendo o mutirão uma prática de trabalho que não precisa necessariamente de uma organização como o MST, a complexidade dos recursos e meios para viabilizar a ida de cada um dos voluntários surpreendia quem estava ali pela primeira vez.

Um dos temas das Oficinas teóricas de sociologia ambiental foi a relação entre o ser humano e a natureza, mais especificamente entre os mundos rurais e urbanos. Segundo Marx (2009), essas relações são distorcidas no capitalismo, principalmente no processo de subordinação do campo à cidade, o que seria pelo autor caracterizado como uma das primeiras formas de alienação.

Esse autor afirmou que, em vez de o trabalho ser uma atividade que permite ao indivíduo se relacionar de forma harmoniosa e criativa com a natureza, ele se tornou, com a industrialização, uma atividade exploradora e destrutiva, na qual a natureza passou a ser vista apenas como uma fonte de recursos a ser explorada em busca do lucro. Retirou o sentido da prática laboral como inventividade/ artesanato transformador do mundo, metamorfoseando-o em obrigação para a subsistência.

Uma percepção comum a muitos voluntários foi a sensação de conexão com a natureza e a produção de alimentos no assentamento, e a partir disso perceberam e questionaram a forma como vivem na área urbana. A discussão

*Costa et al.*

sobre classes sociais apareceu em alguns relatórios. Há uma mensagem de uma das participantes contra a gourmetização dos alimentos orgânicos apenas para uma elite: “[...] precisamos mais do que nunca transgredir a noção de comida saudável[...].” (Deméter 2).

Os processos de diferenciação social também eram objeto de conversas a partir de reações na rotina do mutirão. Há um interessante relato a partir dos sentimentos de confiança, coragem e medo, culturalmente internalizados:

Segui para catar o feno e me deparei com uma situação no mínimo inusitada, uma menina que cresceu em um assentamento, quando foi pegar o feno espantou uma aranha do tamanho da sua mão como quem espanta um gatinho fofo. Aquilo para mim foi tão bonito, ver a sintonia que o ser humano pode ter com a natureza e com qualquer animal que nela seja vivo é algo lindo e que se é perdido na vida na cidade. Aliás essa separação do campo e da cidade foi algo muito criticado pelo senhor [professor] que nos contou a história do MST. A necessidade de entender que a cidade faz parte do campo e o campo faz parte da cidade, também faz parte da luta reivindicada pelo movimento (Ceres 14).

Os discentes voluntários relataram que no trabalho coletivo puderam expandir a ideia de relação campo-cidade e enxergar a possibilidade de uma indissociabilidade. Mais do que aprender na prática técnicas de plantio, adubagem e poda, enxergaram nos assentados uma outra forma possível de viver e se relacionar com a terra, e, a partir disso, passaram a ver a si mesmos e suas relações com o mundo de forma diferente. Um dos voluntários, por exemplo, apontou que a solidão e o isolamento que sentia na cidade foi aos poucos se transformando em sentimento de comunhão e pertencimento:

Foi uma sensação agradável preparar a terra, apesar do cansaço da primeira vez e certo arrependimento de não ter ido de calça. As sensações de isolamento e solidão foram comigo, assim como ímpeto de transformação, pessoal e comunitária. Ao longo do dia passei a ficar mais tranquilo; é um ambiente propício à sensação de comunhão, longe da correria, do estresse da cidade, obedecendo e respeitando apenas o tempo da natureza (Ceres 2).

As essencializações foram objetos de reflexão, como se existisse um mundo rural de um lado, e um mundo urbano de outro. Houve alguns relatos, principalmente de quem enfrentou mais desafios na rotina do mutirão, de que “sou mais do urbano”, ou “eu gosto de barulho”. Essas expressões revelavam incômodos da experiência, ou seja, levavam-nos a um desconforto, material e cognitivo. Em resumo, transformávamos a rotina em problema para reflexão.

Esses sentimentos de atração e repulsa permitiram um resgate das trajetórias pessoais, coletivas ou familiares. As descrições de diferentes histórias particulares com a agricultura eram comuns nas conversas, tanto entre estudantes como entre voluntários. Tal como no seguinte trecho de relatório:

Falando agora da minha vivência, fui direto para a horta, cavar pequenos buracos com os dedos, sentir a terra entrando nas unhas e plantar pequenas mudas na terra. Isso me fez lembrar de quando era criança e fazia “sabonete” de barro na casa de minha vó e achava aquilo pura arte (Ceres 14).

Os cheiros, sensações e as rotinas foram estímulos para reviver momentos específicos da vida. Alguns estudantes demonstraram em seus relatos particularidades sobre seu passado ou origem familiar camponesa:

Toda essa experiência me causou uma sensação de nostalgia, já que cresci no interior de Santa Catarina, com contato com a área rural, em que minha família participava ativamente do cultivo. Logo, estar nesse ambiente me fez lembrar dos momentos em que passei com meus pais e meus avós quando eu era criança, me fazendo repensar, também, a saudade dessa relação direta com a natureza, que é mais superficial no dia a dia de cidade grande (Ceres 9).

Isso pode nos levar a pensar também a agroecologia e o contato com o meio rural como um resgate de memórias daqueles se deslocaram para viver nas grandes cidades. Nas Oficinas teóricas trabalhamos formas de compreender a agroecologia como uma retomada do conhecimento tradicional e originário, classificado como “arcaico”, rústico ou atrasado.

A percepção de tempo não se dá apenas com relação ao passado, mas também ao que está por vir, ou até, podemos dizer, à construção de novas utopias. O contato com outras formas de trabalhar e viver abriu a possibilidade de vislumbrar outras opções de futuro, como relata o voluntário:

O assentamento me atrai cada vez mais, a ponto de eu sentir vontade de morar, lecionar e lutar por um algum dia. Desejo uma vida tranquila, assim como a coragem de me sentir plenamente humano. Penso que o que é considerado clichê realmente possui verdades fundamentais (Ceres 2).

O assentamento como um projeto de futuro, possibilidade de descobrir que as técnicas também são formas históricas e políticas, que a forma de se relacionar com a natureza é uma construção social; fez emergir medos e mitos em relação às percepções das noções de “coletivo” e de “movimento social organizado”.

Três estudantes, participantes das Oficinas, revelaram que precisaram mentir

*Costa et al.*

ou omitir para as suas famílias sobre o destino do trabalho de campo. Falar que iriam ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) poderia gerar conflitos familiares e, talvez, cerceamentos ou constrangimentos. Esses medos caminham juntos com mitos, sonhos e utopias em disputa permanente. Há também uma transformação na percepção em relação ao MST e ao trabalho no campo, uma quebra com o imaginário construído pelo senso comum, observado nos seguintes relatos:

Lá no Assentamento me surpreendi no bom sentido, porque não tinha ideia do tamanho da organização e da forma em que eles se estruturam, achava que era bem mais simples e menor, como algo amador mesmo, mas não, lá é enorme, com posto de saúde, escola, faculdade, bar, depósito de grãos (eu acho) (Ceres 12).

Com todo preconceito colocado em volta do MST, seria necessário que todo mundo pelo menos uma vez na vida participasse desses mutirões. É impossível estar vendo toda a beleza no movimento e não mudar de perspectiva não só sobre o MST, mas sobre sua própria vida e dar valor para coisas pequenas como a oportunidade de plantar e colher seu próprio sustento (Ceres 13).

Importante destacar a dificuldade de superação de um conjunto de preconceitos, apesar disso, os estudantes se surpreenderam, como Ceres 12: o assentamento “parecia uma minicidade”. Essa luta organizada em busca de um bem comum fica nítida nos relatos dos participantes. O senso de coletividade toma forma, aparentemente, de um dualismo com o individualismo presente na cidade, tal como descrito a segue:

O que posso dizer que mais me chamou a atenção em toda essa experiência foi o senso de comunidade que existe lá, não somente com as pessoas que já estão habituadas lá, mas mesmo com pessoas novatas como nós acabamos nos sentindo parte do ambiente através desse contato com a natureza e com o trabalho como meio de subsistência e de conhecimento. Entendo que em uma sociedade tão individualista, esses pequenos momentos são de grande relevância (Ceres 11).

Relatos como esse foram objetos de nossas reflexões nas Oficinas de Sociologia Ambiental, quando trabalhamos a história do MST. Vimos nos trabalhos de campo um assentamento modelo, um sonho de organização que está distante da maioria dos projetos de reforma agrária. O próprio MST abraçou a agroecologia apenas depois da década de 1990. Há, tanto entre estudantes como nos militantes, uma romantização como se houvesse movimentos sociais

sem tensões internas, ou um mundo rural sem individualismos.

O trabalho que antes se mostrou na relação com o corpo agora também surge como um ato coletivo. A separação de tarefas, a horizontalidade e o plantio e colheita como forma de subverter lógicas capitalistas de exploração fortaleceram uma nova percepção de pertencimento. A sensação de coletividade se estabeleceu na reunião dos voluntários e trabalhadores do assentamento e na divisão de responsabilidades em diferentes grupos. Como explicitado no seguinte relato:

[...] o trabalho de buscar a palhada, transportá-la, distribuí-la nos canteiros já adubados e arados por outras pessoas naquele mesmo dia e, finalmente, de plantio das mudas de hortaliças, fizeram-me refletir sobre como as etapas são simples em si, uma vez isoladas, mas complexar no todo (Deméter 1).

O trabalho relacionado principalmente com o plantio e a colheita nos canteiros do Assentamento, mas também nos diferentes setores como na cozinha e no cuidado dos animais se mostrou presente nos relatos dos voluntários. O trabalho manual foi pontuado como uma experiência desconhecida ou pouco explorada, conectando-se também com as percepções sensoriais abordadas anteriormente, como podemos observar no relato a seguir:

Na hora, remexendo no canteiro, [...], lembro de ter pensado: “nossa, e ainda é de manhã!”. No momento, não sei qual é a rotina de trabalho dentro do Assentamento, mas penso que seja bem mais puxada, principalmente pelo tamanho/produção do lugar, não se limitando em apenas um turno do dia. O que a gente fez não deve contemplar nem a metade do serviço e o que tornou essa percepção mais palpável foi, com certeza, a experiência de estar ali, porque, até então, era tudo produto da visão de terceiros (Ceres 6).

Na Figura 7, os voluntários do projeto realizaram o plantio de mudas nos canteiros anteriormente preparados. Esse processo envolveu a divisão de tarefas, como o preparo da terra, adubagem, coleta de palha e despejo nos canteiros e abertura de buracos que finalmente receberiam as diferentes mudas.

Um dos estudantes também comentou, a partir da conversa com um morador, sobre a divisão de tarefas dentro do assentamento: “ela comentou sobre a rotatividade das atividades em que cada semana as pessoas são responsáveis por setores diferentes, entre eles, o cuidado com os animais, roça, cozinha” (Ceres 7).

**Figura 7** - Voluntários realizando plantio de mudas.

Fonte: Acervo do Observatório de Conflitos Socioambientais, 2023.

Além disso, os voluntários experienciaram a transformação, inclusive estética, da natureza, através dos seus esforços como relatou o estudante a seguir:

[...] tudo sobre a colheita trouxe uma experiência estética em que foi possível vivenciar uma realidade mais plena e mais significativa. [...] Foi possível sentir o corpo vivo, com músculos doendo e se esforçando, com o suor daquele momento, foi como revisitar uma consciência corporal há muito tempo não sentida nos movimentos da minha vida cotidiana (Ceres 8).

Nesse sentido a agroecologia aparece como uma arte, uma estética e, também, como uma prática e disciplina de intersecção entre a política e a ciência. Ela apareceu nos diferentes discursos como teoria, prática e movimento social. Na teoria, intersecciona conhecimento acadêmico de diversas áreas da ciência (como ecologia, agronomia, sociologia e economia) com saberes camponeses (FAO, 2023). Na prática, junta uma diversidade de espécies de plantas e animais na construção de um ambiente que se pretende simbiótico e harmônico.

A interdisciplinaridade foi trabalhada na extensão como uma abordagem que busca integrar diferentes áreas do conhecimento para compreender um determinado fenômeno ou problema de forma mais completa e profunda. Ela parte do pressuposto de que a realidade é complexa e multifacetada, e que nenhuma disciplina isolada é capaz de dar conta de todos os aspectos de um tema ou questão. Assim, a interdisciplinaridade propõe a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, a fim de ampliar a compreensão e encontrar soluções mais efetivas para os desafios da sociedade (CARLOS; ZIMMERMANN, 2017).

Durante o trabalho de campo os alunos puderam observar o diálogo entre a interdisciplinaridade e a agroecologia: "Foi possível compreender a agricultura como processo ecológico e social" (Ceres 5); "foi interessante conhecer um sistema de plantio agroflorestal que promove e não suprime a diversidade, com distintas espécies vegetais e animais, e sobretudo com diferentes cultivares" (Ceres 8). Ou:

A primeira coisa que me chamou atenção ao chegar na plantação foi ver a mata cercado a área, estou tão acostumada a ver hectares de uma só coisa plantada e sem uma árvore em pé me deixou alegre em ver aquela quantidade de árvores (Ceres 16).

Essa característica se estendeu às relações formadas no trabalho de campo do projeto, onde pessoas oriundas de grupos sociais diferentes tiveram a oportunidade de conviver, aprender uns com os outros e construir um ambiente de cooperação. Um dos voluntários comentou como essa troca de experiências foi importante para construir o aprendizado e a vivência no campo:

O fato de os participantes serem de cursos diferentes, participantes de projetos distintos, com diferentes níveis de conhecimento sobre agroecologia e sobre o assentamento faz perceber a relevância desse tipo de atividade, pois possibilita o aprendizado, a troca de experiências e desmistificação de algumas ideias que não se restringem ao momento da atividade em si, mas que poderão se propagar nos círculos de cada um dos que comparecem (Ceres 16).

A horizontalidade foi mencionada novamente como um fator importante para a pedagogia na terra e como a troca de saberes teve papel nesse processo:

[...] ocorreu a distribuição das tarefas, onde foi dada a oportunidade de os militantes mais antigos mostrarem aos mais novos como e onde realizar diferentes atividades, o que já é um processo pedagógico que novamente nos traz essa horizontalidade que muito se vê na ecologia social. [...] somase aí o fato das variadas profissões e cursos de cada pessoa, que pode contribuir de diversas formas para as vivências e posteriormente estudos (relatório interno, Ceres 17).

### Considerações finais

Os resultados do projeto de extensão "Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental" transcendem a mera aplicação de conhecimentos acadêmicos, revelando uma profunda interconexão entre saberes, sensações e práticas. As experiências descritas não só ampliaram a compreensão dos estudantes sobre

*Costa et al.*

a reforma agrária, mas também fortaleceram o diálogo entre a academia e os movimentos sociais. Esse intercâmbio revelou que o conhecimento teórico e a emoção são indissociáveis, como ilustrado no relato que vincula o trabalho físico à utopia e ao autoconhecimento.

A prática no mutirão agroecológico, marcada por sensações físicas de cansaço e dores, possibilitou aos participantes um estranhamento produtivo de seus próprios hábitos e corpos, evocando memórias e resgatando trajetórias familiares. A escolha dos nomes Ceres e Deméter como pseudônimos para os participantes reflete essa dualidade: Ceres representa o aspecto técnico da agricultura, enquanto Deméter evoca a profundidade espiritual e emocional da conexão com a terra. Assim, o projeto demonstrou como a extensão universitária pode atuar como um poderoso agente de transformação, não apenas no âmbito acadêmico, mas também afetivo, promovendo a valorização de saberes locais e estimulando uma compreensão mais complexa e crítica das relações entre o campo e a cidade. A integração de teoria e prática, o rompimento com preconceitos e idealizações, e a vivência direta das atividades rurais reafirmaram o papel da universidade como mediadora de experiências que contribuem para a formação de cidadãos comprometidos com a justiça social e ambiental.

## Referências

AGROECOLOGY & Family Farming. **Food and Agriculture Organization of the United Nations**: Family Farming Knowledge Platform. Disponível em: <https://www.fao.org/family-farming/themes/agroecology/en/>. Acesso em 14 jun. 2023.

ALVES, Rubem. **Ciências, coisa boa...** In: MARCELLINO, Nelson C. Introdução às Ciências Sociais. SÃO PAULO: Papirus, 1991.

AZEVEDO, Jade. **Cozinhar é um ato político**: ação Marmitas da Terra completa 1 ano em Curitiba. MST, 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/05/05/cozinhar-e-um-ato-politico-acao-marmitas-da-terra-completa-1-ano-em-curitiba/>. Acesso em 26 jun. 2023.

CARLOS, Jairo Gonçalves; ZIMMERMANN, Erika. Texto de Apoio para Professores que Atuam na Interdisciplinaridade. In: **Boletim das Produções Técnicas do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília – BOLETIM PPGEC-UnB (on line) em 2017**. – Brasília: UnB: PPGEC, 2017. Disponível em: <http://ppgec.unb.br/wp-content/uploads/boletins/volume2/PPGEC-Volume2.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CONNELL, R. "A iminente revolução na teoria social". In: RBCS, n 27, v 80, out 2012.

FERNANDES, Valmir Neves; ROCHENBACH, Liane Maria. **Assentamento Contestado completa 23 anos e cresce na construção da agroecologia. MST, 2022.** Disponível em: <https://mst.org.br/2022/02/08/assentamento-contestado-completa-23-anos-e-cresce-na-construcao-da-agroecologia/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos.** São Paulo, Boitempo, 2009.

MAUSS, Marcel. "As técnicas corporais". In: **Antropologia e sociologia.** São Paulo, Cosac Naify, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo, Cortez Autores Associados, 1986.